

# Universo dobrado a um canto

Tânia Lima

## Resumo:

Entre a fase Modernista e a contemporânea muita coisa se desmatou e se dizima no tempo da linguagem dos mangues. Em um percurso ‘entre-cortado’ pelo idioma lama, dos “*Homens e caranguejos*”, de Josué de Castro, e o batuque poético, em “*Da lama ao caos*”, de Chico Science, analisa-se como se constitui o imaginário de destruição dentro dos estuários recifense. Ao se depararem com o solo movediço de lama e palafitas, tanto Josué de Castro quanto Chico Science trata desta temática, retomando um elo “ecocrítico” entre a natureza e a cultura. Nessa travessia, ao se falar da natureza em sociologia ou em poesia vem à tona uma teia rizomática de relação eco-cultural. Por esse caminho, alguns diálogos suscitados nesta pesquisa têm como núcleo as lições retiradas das teorias de Gaston Bachelard, Ortega y Gasset, Yara Schaeffer-Novelli, Greg Garrard; Edgar Morin, Fritjof Capra, E. Said, G. Deleuze.

**Palavras-chave:** Poesia, Rizoma, Teia, Mangues, Caranguejos, João Cabral, Josué de Castro

## Abstract:

Between the modernist and contemporary phases much was cut down and annihilated in the time of the language of the mangroves. In a clipped journey through the Mud language of José de Castro’s *Homens e Caranguejos* (Man and Crabs) and the poetic beat of Chico Science in *Da lama ao caos* (from mud to chaos), we will analyze how the imagery of destruction is constructed in the estuaries of Recife. When confronted by the mud’s unstable grounds and palafitas (poor stilt houses), both Josué de Castro and Chico Science approach this subject recreating an ecocritic link between nature and culture. When speaking of nature in sociology or in poetry comes to the fore a rhizomatic web of eco-cultural relationships; some dialogues raised by this research have as a core lessons from the theoretical works of Gaston Bachelard, Ortega y Gasset, Yara Schaeffer-Novelli, Greg Garrard; Edgar Morin, Fritjof Capra, E. Said, G. Deleuze.

**Keywords:** Poetry, Rhizome, Web, Mangroves, Crabs, John Cabral, Josue de Castro

*Universo dobrado a um canto*

*Sempre pensara em ir  
caminho do mar.  
Para os bichos e rios  
Nascer já é caminhar.*

*Eu não sei o que os rios  
têm de homem do mar  
sei que se sente o mesmo  
e exigente chamar.*

João Cabral de Melo Neto

A palavra verde não está apenas lá fora. O mundo vive dentro da gente. Cultura é uma coisa que se enraíza dentro e fora de nós. Quando comemos um caju, somos parte da natureza de uma castanha. Natureza do homem é feita de *physis*. Guarda um pouco da verdadeira natureza do mundo, mas não é a voz mais sábia do universo. Animais, vegetais e minerais trazem, à sua forma, maneiras carregadas de expressão ecológicas. O universo inteiro é parte de uma dobra, de um canto. É “*unus é alter*” ao mesmo tempo. O ente humano começa e termina dentro de questão cultural, mas o ser humano é antes de tudo habitante de linguagens. Falar de natureza é falar também de linguagem. Tudo é originário de linguagem. E não existe nada fora da linguagem. Porque tudo é busca de sentido. E é a linguagem que cria sentido. É a linguagem que cria a placa mãe. A linguagem do seu mouse. A forma como você toma banho e gasta a água do Capibaribe. Se olharmos bem é por meio da linguagem que organizamos nosso pensamento e comportamento ‘ecossistêmico’. Quando digo: “O mangue talvez/ fosse mais verde/ se houvesse mais mundo”(LIMA, 2003: 37), empenho da linguagem para recriar uma canção ou uma eco-ação em um universo regido por leis. Universo dobrado a um canto com uma visão de “mundo à deriva, visão grotesca do cosmo: a eternidade está sentada sobre o caos e, ao devorá-lo, devora a si mesma” (PAZ, 1984: 71).

Ainda existem muitas outras palavras<sup>1</sup> para nomear as diversas coreografias da terra, como: solo, chão, areia, lama, terra seca, terra mole, lamaçal, terreno, pó, barro, húmus, areia movediça, terreiro, cascalho, pântano, terra roxa, massapé, falésias, barro duro, campo, barro branco, sertão, pampas, terra vermelha, charco, terreno arenoso, terra chã. “Por sobre esta paisagem lamacenta que agora vibra sob a luz violeta dos trópicos, refletida nos grandes espelhos da água maré, perpassam sons agudos”, como destaca Josué de Castro (2001b: 27) no livro ‘Homens e caranguejos’. Enfiados na lama, jacarés escondem-se dos predadores que não são apenas os caçadores de pele. A cadeia alimentar nos mangues é um cardápio que engloba uma complexidade que vai do visível ao que está invisível debaixo da lama. “Como o rio era um cachorro, / como o mar era uma bandeira, / aqueles mangues/ são uma enorme fruta” (MELO NETO, 1994: 113).

Ecologicamente, somos água e lama, homens e caranguejos, “habitantes dos mangues, irmão de leite dos caranguejos” (CASTRO, 2001b: 13). Longe dos abraços dos homens,

---

1. Em tupi-guarani, existem duas denominações para o solo de manguezais: *itaorna*, que significa solo podre ou rocha putrefata, e *membec*, que onomatopoeicamente designa o lodo do manguezal. Compreende-se que os descobridores e colonizadores europeus não estivessem interessados na lama dos manguezais, que em todos os lugares eram considerados inúteis e até mesmo um sério obstáculo até que os portugueses começaram a usar os solos de manguezais da costa do Konkan, em Goa (Índia), como fertilizante, segundo Vannucci (2002, p. 66).

natureza do mangue some no meio da fedentina dos esgotos de lixo, fragmenta-se no meio da lama coberta de um verde cinza-azulado. “Cascos caos, cascos, caos/ Imprevisibilidade de comportamento/ O leito não linear segue/ Para dentro do Universo”, como descreve Chico Science & Nação Zumbi (1994).

Se o manguezal é dos ecossistemas mais produtivos economicamente, é também dos mais sensíveis às ações destrutivas do ser humano, assim, ao plantarmos árvores de mangues, favorecemos a conservação de um ambiente que serve, principalmente, às comunidades ribeirinhas. São os manguezais segurança alimentar, bom lugar para apicultura, criatórios de carcinicultura, piscicultura e outras espécies marinhas, a exemplo: os quintais de ostras (em Santa Catarina); além do uso artesanal do tanino, eco-turismo, prática de lazer, esportes (futebol no apicum).

Embora o alimento de origem animal seja abundante, diversas espécies de moluscos, crustáceos, peixes, répteis e outros vivem em grande número nos manguezais, por ali não existem vegetais comestíveis. “Nesta placidez do charco desenrola-se, trágico e silencioso, o ciclo do caranguejo. O ciclo da fome devorando homens e os caranguejos, todos atolados na lama”, assinala Josué de Castro (2001b: 27).

A cadeia alimentar vai do maior para o menor: herbívoros de todos os tipos são engolidos por carnívoros enquanto os onívoros se alimentam uns dos outros. Também “tem-se demonstrado que os detritos de folhas dos mangais constituem para os seres aquáticos uma das principais fontes de energia” (Odum, 2004: 551).

A flora e a fauna dos mangais são bastante especializadas; quando preservadas, sobrevivem em equilíbrio com o ambiente. No litoral Norte, árvores de mangues atingem 40m de altura. Os mangues do Nordeste são mais baixos e chegam a medir de 10 a 20m de altura. “Entretanto, distúrbios trazidos, principalmente por ações humanas, podem desequilibrar essas relações levando à perda de populações inteiras de fauna e flora”, como esclarece Luís Gonzaga da Silva Costa (1995: 33), pesquisador dos mangues.

À vista da oceanografia, o mangue age como espectador frente à grande cadeia de predadores, consumidores e produtores da matéria orgânica. “Parte da matéria orgânica – sintetizada pelos vegetais pode ser aproveitada por organismo dos ambientes aéreos, terrestre e aquático sendo esse processo conhecido como herbivoria”, patoreio ou pastejo, conforme Sigrid Neumann Leitão (1995: 25). Assim como as árvores absorvem o nitrogênio por meio de uma rede de fungos, cada microrganismo se alimenta de outras espécies menores, mas também servem de alimento para outras espécies maiores. Os animais encontrados no manguezal podem ser agrupados em função de seu tamanho. *A cadeia alimentar também está em função do hábito de vida, destacando aí os herbívoros que se alimentam particularmente de nutrientes de origem vegetal.*

No manguezal, exercem o papel de cadeia alimentar: mamíferos, anfíbios, répteis, insetos, aves, crustáceos, peixes, moluscos. Esse tipo de ecossistema está entre os que realizam grandes atividades de pesca nas regiões costeiras. O mangue é segurança alimentar para muitas comunidades ribeirinhas, animais marinhos. *Servem de refúgio natural para a reprodução e desenvolvimento (berçário) assim como local para alimentação e proteção para crustáceos, moluscos e peixes de valor comercial.* Além dessas funções, os mangais ainda contribuem para a sobrevivência de aves, abelhas, mariposas, borboletas, fungos,

liquens. Nessa perspectiva, o mangue é uma palavra masculina que possui uma função feminina por causa de sua frutificação, do celeiro de alimento no ermo da charneca.

O mangue, segundo Schaeffer-Novelli et al (1995, p.7), ao se desenvolver em regiões costeiras, “apresenta condições propícias para alimentação, proteção e reprodução de muitas espécies animais, sendo considerado importante transformador de nutrientes em matéria orgânica e gerador de bens e serviços”.

Entre ações protecionistas e descuidos ambientais, devemos observar melhor como funciona o ecossistema dos mangais. “Deve-se evitar fatos comuns hoje em dia, como, por exemplo, a captura de caranguejos durante sua época de reprodução, pois é justamente nessa fase que ficam mais expostos, tornando-se presa fácil” (GRASSO; TOGNELLA, 1995: 44).

Para Yokoya (1995: 10), “a região Indo-Pacífica é rica em espécie, enquanto que o Novo-Mundo é, efetivamente, mais pobre. Baseado nesse fato, alguns pesquisadores têm sugerido que o centro de origem da planta de mangue teria sido naquela região”.

Na lentidão das margens estuárias, essa teoria é, em parte sustentada, segundo Yokoya (1995, pp.11-12), “pelos poucos registros fósseis encontrados, sendo aceita pela maioria dos estudiosos. Em terrenos do oceano, na Inglaterra, foram encontradas fósseis de pólen de *Nypa*, uma palmeira que nos tempos atuais somente é conhecida nos manguezais do Indo-Pacífico”.

No litoral pernambucano, a ilha de Itamaracá traz registros históricos interessantes desse tipo de palmeira, “contribuindo para a hipótese de que tenha existido uma flora comum às duas áreas até o Terciário, pelo menos”. Yokoya (1995: 12). Para a pesquisadora, foram encontrados, no Caribe, registros de ocorrência de *Pelliciera*, outra planta de mangue que até bem pouco tempo só era conhecida nas costas do Pacífico da América Central.

Destruir os mangues não é apenas dizimar árvores, acabar com o verde, contribuir com o esquentamento do planeta Terra ou desertificação mundo afora, significa cortar a reprodução dos animais marinhos, é retirar também sustento de marisqueiras e pescadores que retiram diariamente alimentos que vêm do rio, do mar e da lama. A sobrevivência desses profissionais, na colheita de crustáceos, na retirada do pescado, na captura de moluscos ou no uso artesanal do tanino, requer o uso equilibrado, ou como se diz na linguagem moderna, “auto-sustentável” desses ambientes. Como alerta Schaeffer-Novelli et al (2004: 7), os mangues estão seriamente ameaçados pela expansão urbana, obras de engenharia, lixões, marinas, cultivo de camarão e aterro.

Atualmente, as árvores de mangue estão mais dizimadas na medida em que penetramos nas grandes metrópoles litorâneas em decorrência da própria exploração imobiliária. “Quando o homem induz um impacto de qualquer espécie, seja ele aterro, derramamento, desmatamento ou depósito de lixo, entre outros, o bosque de mangue deixa de contribuir com muitos de seus benefícios prestados gratuitamente” (GRASSO; TOGNELLA, 1995: 46).

Além de servir para estudos arqueológicos, observa-se ao redor dos mangais, descobertas importantes: em sintonia com o lamaçal, o cinza mineral (alquimia de cloreto de sódio e carbonato) serve para a fabricação de um sabão sólido de excelente qualidade superior a muitos importados. Nas áreas do manguezal, as atividades socioeconômicas se desenvolvem em virtude dos recursos, bens e serviços gerados por estes ecossistemas:

Cerca de 90% da pesca mundial ocorre nessa região e 70% dos organismos pescados

provêm de estuários ou de ecossistemas estuarino-lagunares. Segundo o pesquisador mexicano Francisco Flores-Verdugo, cada hectare de manguezal destruído corresponde a uma perda anual de aproximadamente 770 kg de camarões e peixes de importância comercial”. (SCHAEFFER-NOVELLI et al, 2008: 8).

Algumas comunidades ribeirinhas conservam uma relação de dependência com os recursos provenientes das zonas costeiras. “Existem povoados inteiros construídos somente com a madeira extraída desse ecossistema, que, por sua vez, é utilizada para a construção de casas e dos barcos e ainda serve como lenha, para cozinhar seus alimentos” (GRASSO; TOGNELLA, 1995: 43). A destruição de mangue interfere, também, sobre os bens e serviços (diretos e indiretos) gerados economicamente no país. “São os ecossistemas costeiros tropicais que garantem, há mais de 2.000 anos, a prática da caça, da pesca e da produção artesanal de sal pelas populações ribeirinhas” (SCHAEFFER-NOVELLI et al, 2004: 8).

O comportamento do manguezal é migratório, modifica-se pelo ciclo das entremarés. A marisqueira que vive do mangue narra sua vida a partir dos olhos das marés. O coração da catadora de marisco fica entre o que é recebido na lama e o que é preservado no rio. “Quando a água bate no fundo do buraco, o guaiamum sai tonto pelo campo afora” (CASTRO, 2001b: 57). O que move as folhas move o coração. “Quando os ventos tomam a floresta em suas patas/o Universo se queda” Dickinson, 1985, p. 63). Tudo se liga ao mundo na cadeia ecossistêmica. “Existem alguns aspectos comuns a todas as culturas do mundo; um deles é justificado senso de dever para com a mãe Terra” (VANUCCI, 2002: 65).

Como raio de luz, quilha corta as ondas, águas enfurecidas descem em lâminas. Árvores de mangues acoram os galhos despenteando a correnteza. Ali, abjeta, a natureza é uma faca, aborta enfurecida, repartida entre mangues, mortos e maremotos, tsunamis. “A lama come o mocambo e no mocambo tem molambo” como brinca uma letra de música do grupo Nação Zumbi (1994) em diálogo com a estética de *Homens caranguejos*, de Josué de Castro. Uma crítica fervorosa ao ciclo ecossistêmico contemporâneo. Nesse ciclo, as relações estão doentias. O diálogo do homem com os homens, a conversa do pescador com a lama, com as águas dos rios despencam na destruição. Muros desmoronam. Globalizamos o terrorismo. Esfarela-se o concreto em guerra. Tudo se recorta do alto. Em reflexões ao livro *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*, Marshall Berman alerta: “Todas as barreiras humanas e naturais caem diante da corrida pela produção e a construção”. Nas grandes avenidas, mundo enrubescido; vitimado nos claustros da globalização, o individualismo extremo enclausura medo, esquizofrenia, pânico. O consumo torna-se mito; vira vício. A solidariedade se distancia. Não encontramos consolo; quando dormimos, corremos perigo. Nós, modernos, necessitamos, a todo preço, abrir com entusiasmo o caminho da vileza.

Na “sociedade do espetáculo”, nunca estivemos tão expostos manobras das mídias. Entre a crise é a crítica, parece vir do mundo da realidade política e social um esgotamento do dizer e do enorme vazio que absurda o ser humano. Esse vazio massificador que é a mídia é que parece submeter a literatura a um julgamento que a humilha em nome da história: “é a história que critica a literatura e que empurra o poeta para um canto,

colocando em seu lugar o publicitário” (BLANCHOT, 2005: 289). Jamais estivemos tão fragilizados pelo excesso de terror. Vivemos a força da imagem sobrepondo à da palavra. A cada segundo, criamos ídolos, inventamos novos ícones. Não sabemos mais envelhecer; ensimesmados, somos convidados a eternizar o Narciso ou a celebrar o mito da juventude. Como diz Fernando Pessoa (1980: 259): “O dominó que vesti era errado. Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e perdi-me/ Quando quis tirar a máscara, / Estava pregada à cara. Quando tirei e me vi no espelho. / Já tinha envelhecido”.

E tudo se estranheiriza: “Como um cão tolerado pela gerência/ Por ser inofensivo” (PESSOA, 1980: 259). Em uma civilização em que não há justificativa para a miséria humana, colocamo-nos à prova em um mundo cuja pobreza nos serve de troféu. Terceiro mundista de carteirinha e tudo, a fome nossa de cada dia [nos países periféricos] nos envergonha, nos faz baixar a cabeça, nos faz temer por aqueles que estão à margem de mangues sem emprego no achatamento das perspectivas, na humilhação das contradições sociais. “Porque é muito mais espessa/ a vida que se desdobra em mais vida” (MELO NETO, 1994: 116).

Em nome de uma democracia excludente, nos orgulhamos de sermos uma América democrata, mas a ditadura continua nos morros, nas palafitas feitas de pau de manguê. A polícia mata à queima roupa: índios, negros, bandidos, favelados, tudo em nome da ordem democrática. Onde está a democracia econômica, se excluimos do mercado de trabalho os que falam “*pro modi*”, os que não sabem manejar os signos da língua normativa, os que ganham a vida nos pára-brisas dos sinais para não morrerem à míngua como um “cão sem plumas”. Muitos excluídos são varridos do mercado de trabalho por falta de manejos com idioma oficial. As palavras quando amparam o autoritarismo diluem direitos e respeito à diferença. Excluem, entre tantas outras coisas, os acordos de Paz entre os povos, desarmamentos nucleares, Tratados de Kyoto. Algumas palavras carregam poderes, oprimem, amedrontam nossas cabeças com o terror do medo. Viver é muito perigoso” (ROSA, 1994: 22).

Será que vamos nos opor a esse caos ilimitado? Uma simples caneta esferográfica é capaz de assinar um acordo de paz. Se as armas nucleares não nos trazem paz, como os militares teimam em nos fazer acreditar em segurança? Se defendermos armamentos nucleares, estaremos aumentando a violência e defendendo uma destruição do planeta e conseqüentemente dos nossos manguézais. Um horrendo gesto é capaz de lançar pelo espaço um mundo inteiro.

“Os 360 reatores nucleares que operam atualmente no mundo inteiro e as centenas de outros em processo de instalação converteram-se numa gravíssima ameaça ao nosso bem-estar” (CAPRA, 1982: 20). O perigo de uma guerra atômica atormenta o mundo todo. O perigo nuclear ronda perto da camada de ozônio. Mar despenca em fúria. Palavra coloca em um lugar incerto do mar o caos, movendo os longos oceanos contrariados. No rosto do mundo, suspira Augusto dos Anjos (1997: 77): “Mostra ao cosmos a face degrada!”.

Em se tratando da natureza, como falar de uma ética de preservação? Falar sobre isso não seria referenciar uma ética que passa primeiro pela subjetividade? Ou mesmo, uma falta de ética do sistema capitalista que explora a natureza até as últimas conseqüências e depois massageia a questão usando um *marketing* de preservação do meio-ambiente?

A violência ao mundo verde não seria, apenas, mais um retrato da violência do ser humano frente às questões de um capitalismo tardio que aí se encontra? “Pode um homem enriquecer a natureza com a sua incompletude?” (BARROS, 1993: 97). É certo que o respeito à natureza passa por mim e pelo respeito ao outro. Como sugere o poeta Manoel de Barros (1993: 61): “A palavra que eu uso me inclui nela”.

Na prática, essas questões não são muito simples de se responder, quando se observa que, no Ocidente, o racionalismo antropocêntrico pregou, a todo custo, a natureza como objeto. As conseqüências disso ainda estão cotadas dentro de um sistema econômico globalizante que percebe a natureza como sistema inesgotável.

Os processos que a globalização impõe ao mundo são frágeis. E nossa relação com a mãe natureza é de troca e venda. A cada dia, consolidamos o terreno da poluição e da destruição dos manguezais. A palavra “poluição” (*polluere*) é derivada do Latim e significa corromper. Na lama, o fedor não é mais alarmante que a corrupção que se espalha dentro dos córregos de mangue em nome da fábrica de fazer camarões. Comemos os camarões cinza dos tanques sem saber que dizíamos para isso espécie rara de mangue. Há um empobrecimento ainda maior das comunidades ribeirinhas. Começamos a ter problemas sérios com os estoques pesqueiros naturais. A conseqüência disso tudo acarretará, portanto, a miséria de milhares de famílias que sobrevivem da pesca. Um sinal de que o mar dá sinais de cansaço. E, como dizem os pescadores: ‘a maré num tá pra peixes’.

Muitas cidades se desenvolveram próximo a grandes estuários e rios, segundo Schaeffer-Novelli et al (2004: 25), “principalmente pela possibilidade de pesca abundante e pela facilidade de escoamento de suas riquezas. Margeando o leito de rios e estuários, era possível encontrar vastos manguezais de onde se retirava o sustento para a sobrevivência de várias comunidades de pescadores”.

Para pesquisadores do departamento de oceanografia – UFPE, na construção do porto de Suape, a exemplo, foram desmatados 600 hectares de mangues. Com o desequilíbrio, o rio Ipojuca teve seu curso alterado e muitas espécies de tubarão passaram a atacar os banhistas na praia do litoral recifense. A falta de matéria orgânica no estuário levou ao desaparecimento de várias espécies que serviam de alimento para o tubarão. Na perspectiva da estudiosa, os mangues deveriam ser plantados para que o rio Ipojuca restabelecesse o equilíbrio ambiental e conseqüentemente a normalidade da cadeia alimentar.

Em correspondência com esse pensar, Schaeffer-Novelli et. al. (2004: 44) destacam que “nos manguezais da cidade de Cubatão, no litoral paulista, uma das regiões ambientalmente mais degradadas do país, dois biólogos brasileiros Fábio Olmos e Robson Silva e Silva catalogaram 146 espécies de aves – 86 delas aquáticas- numa área de 50 km<sup>2</sup>. Para a pesquisadora: “Os despejos de milhares de toneladas de poluentes nos manguezais de Cubatão podem comprometer o sistema reprodutor de aves”.

O mangue age como uma mãe; é abrigo de muitos animais que fazem travessia de costas para o rio-mar. “Depois, / o mar invade o rio/ Quer o mar destruir o rio” (MELO NETO, 1994: 112). O mar é uma casa que acolhe uma vasta rede de seres anfíbios que transitam entre o rio e o mangue. Na paisagem do rio: “A menor célula do corpo do homem se apega assim, e com essa força à palavra, - e reciprocamente”, descreve Francis Ponge

(2000: 83). No partido dos sonhos, lá fora, são bilhões de bocas; são bilhões de sonhos e uma única árvore para alimentar o mundo. Se faltar o ar como vamos viver? Se faltar literatura como vamos sonhar? Que resposta devemos construir de agora para frente em mundo à beira de um rio se transformou em abismo? Fiz minha cama junto a um rio/ que levava mais pedra que água (NERUDA, 2009: 59).

No rio da poesia, a principal ‘sabença’ é respeitar a diferença das cores, dos traços, dos sons de qualquer elemento da natureza. As imagens vão passando devagar, ajoelham-se dentro dos olhos. O mangue nos pensa: “O rio sabia daqueles homens sem plumas” (MELO NETO, 1994: 108). O respeito à natureza cabe, portanto, no reencontro com essa nossa outra voz que é a voz da natureza do mundo. Capra (2001: 227) observa que o mundo que todos vêem não é o mundo, mas um mundo que criamos com os outros. Para o físico, o mundo humano inclui o mundo interior de reflexões, intuições, pensamentações abstratas, conceitos, símbolos, representações mentais, autopercepção, sentimentos. “Ser humano é ser dotado de consciência reflexiva: na medida em que sabemos como sabemos, criamos a nós mesmos”.

Frente à sabedoria da natureza, deveríamos prestar reverência como sinal de respeito e compaixão aos seres deste planeta, pois é nele que comungamos com os outros seres, com nosso eu-sagrado, instalado por um tempo determinado nos solos terrestres, florestas simbólicas. “A natureza é um templo onde vivos pilares/ Podem deixar ouvir vozes confusas: e estas/ fazem o homem passar através das florestas/ De símbolos que o vêem com íntimos olhares” (BAUDELAIRE, 2001: 19). Em alguns poetas, os passos acompanham um ritmo urbe. São escritores que deixam seus rastros no asfalto rajado pelos ventos marinhos das causas ambientais. O poeta Ronald de Carvalho (1984: 28-29) denuncia alguns feitos: “Das mãos que perseguem a onça, a raposa, o búfalo e a baleia, / das que lançam o touro no pampa e na coxilha,/ das que flecham o tapir e a sucuri,/ das que varam saltos e corredeiras,/ das que secam mangues e igapós/ das que misturam oceanos”.

A preservação dos seres da natureza deve existir não apenas como luta para salvar o verde, o caranguejo. “Salvar não tem unicamente o sentido de resgatar uma coisa do perigo: salvar é restituir, ou dar condições para que ela se revele naquilo que lhe é mais próximo” (UNGER, 2001: 123). As plantas não nasceram apenas para suprir a existência humana. Cada árvore tem vida própria. A natureza não é objeto de domínio, cálculo e controle. Um bosque de mangues é também estado lírico da natureza. “Salvar significa deixar ser” (UNGER, 2001: 123). A forma verde de ser não difere da sílfide. Os colibris não arrancam os espinhos para beber a flor. Como diz Thoreau (2006, p. 92) no livro *Caminhando*: “Cada árvore manda suas fibras seguirem em busca da selva. As cidades as importam a qualquer preço”. A árvore é um ser vivo que contém outros seres vivos; há parasitas que sobrevivem das sombras dos vegetais e animais e minerais. “O que venho me preparando para dizer é que na vastidão selvagem está a preservação do mundo”.

Da lírica, escorre a seiva que denuncia impacto das ruínas ambientais. Como descreve Cardozo (1971: 172-173): “As árvores morreram/ As flores murcharam/ E as suas cores se fizeram freiras/ Na clausura de um convento branco”. No mangue, a vista se fragmenta de tal maneira que o radical se aprofunda até atingir o ventre das raízes aéreas. Não somente

pelas raízes se pode entrar no ambiente diaspórico do manguezal.

Ao repensarmos o valor da biologia marinha, os mitos anfíbios são resgatados. Vem à tona a voz da memória protetora das águas cósmicas. No palco da memória, os ecossistemas que deixam de existir, “deixam atrás de si uma lição, com frequência esquecida, e uma tragédia em termos de degradação e empobrecimento do mundo no qual nossos filhos e netos deverão sobreviver” (VANNUCI, 2002: 12). Parte de um eixo cosmológico, a palavra mangue deveria ser escrita apenas no plural. A diversidade desse tipo de vegetação entende-se entre raízes-rizomas, umbigo da terra. Nas encruzilhadas do planeta Terra, o manguezal é território ramificado de mitos. Aos mitos não se devem explicações; aos mangues, deveríamos ouvir mais as histórias do seres anfíbios que nasceram de dentro do ambiente das ostras. Como se sabe, a mitologia consiste, esquematicamente, em indagar se “é na medida dos homens ou na medida das coisas que se devem estudar os mitos. Noutras palavras, o mito é a lembrança da ação brilhante de um herói ou a lembrança do cataclismo de um mundo?” (BACHELARD, 2002: 158).

Em uma civilização extinta, sem esmolas para os cegos de feira, o mundo reconta suas migalhas para os filhos do mangue. O planeta Terra carrega vozes da alteridade: “Sigo a voz do mundo com voz única” (Lispector, 1998, p. 44). A voz do mundo é de cor verde. Sem o verde, como alimentaremos o mundo? “Guardo a fome, o prato velado ...” (CARPINEJAR, 2001: 31).

## Referências bibliográficas

ANJOS, Augusto dos. As cismas do destino. In: COUTINHO, Edilberto (org.) *Presença poética do Recife* – crítica e antologia poética. Rio de Janeiro: José Olympio, 1983, págs. 30-35.

\_\_\_\_\_. *Todos os sonetos*. Porto Alegre: L&PM, 1997.

BACHELARD. *A água e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

BARROS, Manoel de. *O livro das ignoranças*. Rio de Janeiro: Record, 1993.

BAUDELAIRE, Charles. *As flores do mal*. São Paulo: Martim Claret, 2001.

BLANCHOT, Maurice. *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha do ar – a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*. São Paulo: Cultrix, 1982.

CARDOZO, Joaquim. *Poesia completa*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971.

CARPINEJAR, Fabrício. *Terceira sede*. São Paulo: Iluminuras, 2001.

CARVALHO, Ronald de. In: *Antologia da poesia brasileira*. Porto: Lello & Irmão Editores, 1984, págs. 5-43.

CASTRO, Josué de. *Documentário do Nordeste*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1968.

\_\_\_\_\_. Visões do Recife. In: SOUTO MAIOR, Mário; SILVA, Leonardo Dantas (org.) *O Recife: quatro séculos de sua paisagem*. Recife: FUNDAJ, Massangana; Prefeitura da Cidade do Recife, Secretaria de Educação e Cultura, 1992, págs. 255-261.

\_\_\_\_\_. *Geografia da fome*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001a.

\_\_\_\_\_. *Homens e caranguejos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001b.

CHICO SCIENCE & NAÇÃO ZUMBI. *Da lama ao caos*. Rio de Janeiro: Chaos, 1994. Compact Disc. Digital Áudio, 1 CD. Resmaterizado em Digital.

\_\_\_\_\_. *Afrociberdelia*. Rio de Janeiro: Chaos, 1996. Compact Disc. Digital Áudio, 1 CD. Resmaterizado em Digital.

GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Brasília: UNB, 2006.

GRASSO, Mônica; TOGNELLA, Mônica Maria Pereira. Valor ecológico e sócio-econômico. In: *Manguezal – ecossistema entre a terra e o mar*. SCHAEFFER-NOVELLI, Yara et. al. (org.) São Paulo: Caribbean Ecological Research, 1995, págs. 43-49.

- LEITÃO, Sigrid Neumann. A fauna do manguezal. In: SCHAEFFER-NOVELLI, Yara et. al. (org.). *Manguezal – ecossistema entre a terra e o mar*. São Paulo: Caribbean Ecological Research, 1995, págs. 23-25.
- LIMA, Tânia. *Brenhas – um poema dos mangues*. Fortaleza: Mangues & Letras, 2003.
- \_\_\_\_\_. *Nus mangues*. Fortaleza: Mangues & Letras, 2003.
- LISPECTOR, Clarice. *Água viva*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MELO NETO, João Cabral de. *Obra completa*: volume único. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- NERUDA, Pablo. *Coração amarelo*. Porto Alegre: L&PM, 2009.
- ODUM, F. Eugene. *Fundamentos de Ecologia*. 7 ed. Lisboa: Fundação Caloust Gulbenkian, 2004.
- PAZ, Octavio. *Os filhos do barro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- PESSOA, Fernando. *O eu profundo e os outros eus*. 19 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- PONGE, Francis. *O partido das coisas*. Tradução Adalberto Müller Jr., Carlos Loria, Ignácio Antônio Neis, Júlio Castañon, Michel Peterson. São Paulo: Iluminuras, 2000.
- ROSA, Guimarães. *Ficção completa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. 2 v.
- SAYTO, Yoko. *O espírito da árvore*. Tradução Malene Perlingerio. São Paulo: Shinseken, 2001.
- SCHAEFFER-NOVELLI, Yara et. al. (org.). *Manguezal – ecossistema entre a terra e o mar*. São Paulo: Caribbean Ecological Research, 1995.
- SCHAEFFER-NOVELLI, Yara; COELHO JÚNIOR, Clemente; TOGNELLA- DE- ROSA, Mônica. *Manguezais*. São Paulo: Ática, 2004, págs. 24-34.
- SILVA COSTA, Luis Gonzaga da. Adaptações. In: SCHAEFFER-NOVELLI, Yara et. al. (org.). *Manguezal – ecossistema entre a terra e o mar*. São Paulo: Caribbean Ecological Research, 1995, págs. 31-33.
- THOREAU, D. H. *Caminhando*. Rio de Janeiro: José Olympio 2006.
- UGIYAMA, Marie. A flora do manguezal. In: *Manguezal – ecossistema entre a terra e o mar*. Yara Schaeffer-Novelli, et. al. (org.). São Paulo: Caribbean Ecological Research, 1995, págs. 17-21.
- UNGER, Nancy Mangabeira. *Da foz à nascente: o recado do rio*. São Paulo: Cortez, Campinas: Unicamp, 2001.
- VANNUCCI, Marta. *Os manguezais e nós*. Tradução Denise Navas-Pereira. 2 ed. São Paulo: EDUSP, 2002.

\_\_\_\_\_. Manguezais e suas importâncias: uma visão global. In: RAMOS, Sérgio, org. *Manguezais na Bahia: breves considerações*. Ilhéus: Editus, 2003, pág. 13-28.

VARJABEDIAN, Roberto. Impacto sobre os manguezais. In: *Manguezal – ecossistema entre a terra e o mar*. SCHAEFFER-NOVELLI, Yara et. al. (org.). São Paulo: Caribbean Ecological Research, 1995, págs. 49-51.

WOOLF, Virgínia. *As ondas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

YOKOYA, Nair Sumie. Distribuição e origem. In: *Manguezal – ecossistema entre a terra e o mar*. SCHAEFFER-NOVELLI, Yara et. al. (org.). São Paulo: Caribbean Ecological Research, 1995, págs. 9-12.